

## OS IMPACTOS DO NAFTA NA ECONOMIA MEXICANA NOS ANOS 1990<sup>1</sup>

Aram Cavalcanti<sup>2</sup>

Patrícia Ferreira Guimarães<sup>3</sup>

**Resumo:** Apesar das promessas de desenvolvimento econômico serem o principal atrativo das propostas de formação das áreas de livre comércio, é importante considerar o fato de que para determinados países estas propostas podem ser, ao contrário, desvantajosas. A inclusão das seguintes políticas no Acordo: eliminação e redução de barreiras tarifárias e não tarifárias; regulamentação do comércio de serviços; o estabelecimento de um mecanismo de solução de controvérsias para a resolução de disputas comerciais. Este trabalho pretende testar a hipótese de que nas relações econômicas do NAFTA, o México teve sua sensibilidade e vulnerabilidade, no arco conceitual proposto por Nye (2009), aumentadas. Para tanto, é preciso identificar e medir os impactos dessas relações na economia mexicana nos anos 1990. No desenvolvimento do artigo será empregado o método misto de corte longitudinal.

**Palavras-chave:** Livre Comércio, Sensibilidade, Vulnerabilidade, NAFTA, CUSFTA.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo visa destacar as relações comerciais por meio do acordo bilateral assinado pelo presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Ronald Reagan, e pelo primeiro-ministro do Canadá, Martin Brian Mulroney, no dia 4 de outubro de 1987 que deu origem ao *Canada-United States Free Trade Agreement* (CUSFTA). O CUSFTA tinha como meta estabelecida eliminar e reduzir barreiras tarifárias e não tarifárias, regulamentar o comércio de serviços e desenvolver um mecanismo de solução para as eventuais disputas comerciais entre eles. É importante mencionar que apesar do ambiente favorável a aproximação bilateral, havia certa resistência das províncias canadenses da Columbia Britânica em comercializar com as províncias estadunidenses.

A expansão do tratado de livre comércio entre os EUA e o Canadá se deu por meio da inclusão do México por ocasião da assinatura do *North American Free Trade Agreement* (NAFTA), no dia 17 de dezembro de 1992. O NAFTA tinha como principal objetivo facilitar as relações comerciais no hemisfério norte até o ano de 2007. Porém, em função das exigências de ajustes

---

<sup>1</sup> Orientador: Prof. Dr. Adriano Pires de Almeida – Professor do curso de Relações Internacionais e coordenador do Grupo de Estudos da América Latina da PUC Goiás.

<sup>2</sup> Aluno de graduação do curso de Relações Internacionais da PUC Goiás e membro do Grupo de Estudos da América Latina da PUC Goiás.

<sup>3</sup> Aluna de graduação do curso de Relações Internacionais da PUC Goiás e membro do Grupo de Estudos da América Latina da PUC Goiás.

econômicos, o México logo constatou que a sua posição na relação trilateral era de completa submissão aos interesses do CUSFTA, o que tornou evidente a sua situação de vulnerabilidade nessa relação. A percepção de vulnerabilidade, conforme apresentado por Nye (2009), mexicana diante do CUSFTA trouxe consigo a noção de que poderia haver impactos econômicos negativos no âmbito do NAFTA. Em contrapartida o CUSFTA percebeu a sua situação de sensibilidade econômica em relação à estabilidade econômica mexicana. Neste sentido, este trabalho busca identificar se houve ou não a sensibilidade e vulnerabilidade nas relações econômicas do NAFTA na década de 1990.

Deste modo o artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: primeiramente é tratada a questão da transição do CUSFTA para o NAFTA, por meio de negociações com a finalidade de promover a integração do México ao CUSFTA e como ele teve de se adequar e realizar reformas e ajustes estruturais em sua economia no período de 1989 a 1994. Posteriormente, é discutida a questão da vulnerabilidade e da sensibilidade que afeta as relações econômicas no âmbito do NAFTA. Em seguida, é examinada as relações do México em relação ao CUSFTA na década de 1990, no âmbito do NAFTA – procurando identificar se houve ou não crescimento econômico para o México e quais foram as consequências para o país no período analisado. Por fim, é apresentado as considerações finais desta pesquisa.

## **TRANSIÇÃO DO CUSFTA PARA O NAFTA**

A partir de 1989, o Consenso de Washington representou a porta de entrada, entre os economistas estadunidenses e canadenses, para uma discussão com um tom neoliberal aplicada aos países latinos americanos o que deixou claro a possibilidade da expansão do CUSFTA para todo o hemisfério norte e posteriormente para todo o continente americano.

Neste sentido, o CUSFTA ampliado foi pensado em um contexto no qual a previsão de constituição de uma área de livre comércio entre os EUA, o Canadá e o México prometiam o estabelecimento de uma significativa melhora nos intercâmbios comerciais entre eles. Além de melhorar a posição dos três países no mercado americano – o NAFTA, que entrou em vigor no ano de 1994 – buscava ultrapassar o desempenho – em termos de produção, comércio e investimentos – do Japão e da União Europeia (UE). O acordo trilateral visava, também, desenvolver estratégias competitivas de produção por meio da exploração da mão-de-obra mexicana e criar melhores condições para escoar a produção de seus signatários.

Por se tratar de um país desenvolvido, os EUA calcularam que o Canadá não se submeteria facilmente às suas demandas uma vez que as relações entre eles, dadas as devidas ressalvas, se

davam em bases mais simétricas e por tanto menos vulneráveis e sensíveis. Nas relações com o México, por sua vez, para os EUA tais posições favoreciam em partes o governo estadunidense uma vez que as relações desenvolvidas entre eles se davam em bases mais assimétricas e por tanto mais vulneráveis para o governo mexicano e sensíveis para eles, de modo que se esperava que o estabelecimento da área de livre comércio aumentasse a interdependência e diminuísse as assimetrias existentes entre eles, como serão discutidos a diante.

Destaca-se também que o acordo trilateral possibilitou a abertura do mercado CUSFTA para o México. Em tese essa abertura aumentaria a demanda por trabalho e, conseqüentemente, o número de oferta de empregos para os mexicanos. Para Krugman (2015), o surgimento do NAFTA provocou uma mudança de parte dos processos produtivos como montagem e produção de componentes para esses diferentes locais da América do Norte. Os salários do México – por serem menores do que os praticados no âmbito do CUSFTA – incentivaram o deslocamento de empresas dos EUA começassem a se mudar para o país. Deste modo, o autor observa que ao passo que os trabalhos menos qualificados, ou seja, com menor valor agregado eram destinados aos mexicanos, e os que exigiam maior qualificação, isto é, aqueles com maior valor agregado para os estadunidenses e canadenses. Em outras palavras, obrigatoriamente os mexicanos teriam de fazer reformas e ajustes econômicos a fim de sanar o abismo socioeconômico que existente em relação ao CUSFTA.

Entretanto, é importante ressaltar que o NAFTA de fato reduziu barreiras comerciais entre os seus países membros. Deste modo, o art. 102 do Acordo Constitutivo do NAFTA estabelece que os objetivos da área de livre comércio são:

- a) eliminar barreiras ao comércio e facilitar o movimento transfronteiriço de bens e serviços; b) promover condições de concorrência justa; c) aumentar as oportunidades de investimento; d) fornecer proteção e aplicação de direitos de propriedade intelectual; e) criar procedimentos para a resolução de disputas comerciais; e, f) estabelecer uma estrutura para mais cooperação trilateral, regional e multilateral para ampliar os benefícios do acordo comercial (tradução livre)<sup>4</sup>.

O estabelecimento destas medidas não significa que tenham sido benéficas para a economia mexicana, apesar da adesão ao CUSFTA, em dezembro do mesmo ano, houve a crise

---

<sup>4</sup> No original: “a) eliminate barriers to trade in, and facilitate the cross-border movement of, goods and services between the territories of the Parties; b) promote conditions of fair competition in the free trade area; c) increase substantially investment opportunities in the territories of the Parties; d) provide adequate and effective protection and enforcement of intellectual property rights in each Party's territory; e) create effective procedures for the implementation and application of this Agreement, for its joint administration and for the resolution of disputes; and, f) establish a framework for further trilateral, regional and multilateral cooperation to expand and enhance the benefits of this Agreement”.

do peso, gerada por dívidas externas anteriores a este período. Entretanto, a interdependência aumentada fez com que os EUA resgatassem o peso mexicano.

## REFORMAS E AJUSTES NA ECONOMIA MEXICANA 1988-1994

No processo de adesão ao NAFTA, o presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, com a ajuda de economistas estadunidenses, estabeleceu reformas e ajustes em sua economia. A sensibilidade e vulnerabilidade mexicana aos EUA ficaram explícitas em função da posição que ele ocupou no acordo de livre comércio. Desse modo, os ajustes econômicos visavam diminuir as assimetrias existentes entre os países signatários do Acordo.

Inicialmente, estava previsto o abandono, por parte do governo mexicano, do modelo de substituição de importações, que fora justificado com a alta taxa aplicada a elas. Assim, a aplicação do método neoliberal tomou conta da estrutura econômica mexicana, abrindo o mercado, promovendo exportações e importações, mediante o estabelecimento de acordos de livre comércio. A Tabela, a seguir, apresenta um panorama da economia mexicana no período de 1988 a 2000:

**Tabela: Panorama da economia mexicana de 1988 a 2000.**

<b>ANO</b>	<b>Índice de GINI</b>	<b>Inflação (%)</b>
1988	nd	125,43
1989	51,99	20,32
1990	nd	26,54
1991	nd	22,84
1992	51,06	15,58
1993	nd	9,77
1994	51,89	6,97
1995	nd	34,77
1996	48,54	35,26
1997	nd	20,82
1998	48,99	15,9
1999	nd	16,67
2000	51,87	9,51

Fonte: INFLATION (2018) e INDEX MUNDI (2018).

Observa-se na Tabela acima que a inflação mexicana no período de 1988 a 2000 passou por oscilações que foram controladas por meio das medidas econômicas que serão retratadas mais adiante. Entretanto, mesmo após a adesão do México ao CUSFTA, o índice de GINI demonstra que a concentração de renda, algo em torno de 50%, se manteve nas famílias mexicanas de classe alta.

Neste sentido, a utilização do índice de GINI aponta para o fato de que, apesar do governo mexicano tentar controlar a taxa de inflação do país, os níveis sociais se mantiveram constantes no período de 1988 a 2000. Assim, este trabalho entende que esse ciclo vicioso econômico pode levar a uma explosão da crise social e migratória no futuro.

Durante o governo de Gortari, a aplicação do método neoliberal e a adesão ao NAFTA provocou mudanças na economia mexicana que até aquele momento tinha um perfil protecionista. Neste sentido, Krugman (2015, p. 218) analisa a situação mexicana como sendo uma transformação:

[...] em direção ao livre comércio reverteu meio século de história. Como muitos países em desenvolvimento, o México virou protecionista durante a Grande Depressão da década de 1930. Após a Segunda Guerra Mundial, a política de industrialização para servir a um mercado nacional protegido tornou-se explícita.

A partir do ponto em que foram tomados para si, os ajustes econômicos mexicanos, seriam, a diante, vistas as dificuldades perante as relações assimétricas no NAFTA. A adesão do México ao Acordo provocou uma mudança significativa em sua economia, pois o governo mexicano adotou posicionamentos econômicos com o objetivo de diminuir as assimetrias.

## **VULNERABILIDADE E SENSIBILIDADE MEXICANA**

O processo de globalização, que avançou de maneira súbita sobre o sistema internacional a partir da segunda metade do século XX, trouxe uma nova maneira de se conduzir às relações internacionais, no âmbito das interações entre os mais diversos atores internacionais. Essa diversidade de atores constitui uma das principais características desse processo.

Entretanto, é importante mencionar que na maior parte da história do sistema internacional, os Estados foram considerados os principais atores internacionais. Tucídides, em sua História da Guerra do Peloponeso, apresentou uma característica muito interessante do ambiente em que ocorriam as relações entre as diferentes cidades-estados gregas: ele era anárquico. Ou seja, a anarquia internacional prevê a participação hegemônica do Estado nas questões internacionais. Em função disso, observa-se que as interações entre os distintos Estados foram marcadas por um forte teor egoístico.

Novamente é preciso ressaltar que Tucídides apresenta em sua obra a ideia de que a guerra do Peloponeso teve como seu principal fator, o medo. Em sua visão, o medo causou nas cidades vizinhas, em especial nos lacedemônios, o aumento súbito do poder ateniense. De fato, o interesse nacional dos Estados é um conceito caro ao pensamento realista nas relações internacionais no qual Tucídides é, segundo Nye (2009), considerado o avô deste tipo de pensamento.

De acordo com Morgenthau (2003), apesar dos mais distintos interesses nacionais terem sido colocados frente a frente no processo de evolução do sistema internacional, eles permaneceram sendo definidos em termos de poder. Entretanto, é importante mencionar que pensadores como Waltz (2005) consideram que esses interesses mudam de acordo com a estrutura vigente no sistema internacional. Enquanto Morgenthau (2003) defendeu a ideia que esses interesses não sofrem com a variação do espaço e tempo, onde sua origem é a natureza do homem e da política, Waltz (2005), advoga que a questão era estrutural e não da natureza do homem ou dos Estados, uma vez que eles entravam em cooperação ou conflito, conforme argumenta Nye (2009).

Existe, no entender de Nye (2009), uma profunda mudança no atual sistema internacional, tendo o processo de interdependência complexa como causa motor à intensificação da globalização. A globalização e a interdependência são, segundo o autor, as duas principais características do sistema internacional pós-guerra-Fria. A velha política realista de Estado, baseada na maximização dos interesses nacionais, se esgotou sendo necessário equilibrar os mais distintos interesses para manter o sistema em equilíbrio. Segundo Nye (2009, p. 244):

Globalização - definida como redes mundiais de interdependência - não implica universalidade. Por exemplo, no início do século XXI, metade da população americana usava a rede mundial de computadores, em comparação com um centésimo de 1% da população do sul da Ásia. A maioria das pessoas no mundo atualmente não tem telefone. Até mesmo em uma época de telefone celulares baratos, centenas de milhões de pessoas vivem como camponeses em aldeias remotas com uma frágil ligação com os mercados mundiais ou com o fluxo de ideias no mundo. Na realidade, a globalização é acompanhada de lacunas cada vez maiores, em muitos sentidos, entre os ricos e os pobres. Ela não implica nem a homogeneização nem a igualdade.

De acordo com Castro (2011), para Keohane e Nye os Estados continuam sendo os principais atores internacionais, porém o institucionalismo das relações internacionais é uma característica mais forte do que as velhas práticas de autoajuda dos Estados. Decorrente da interdependência e da globalização, somado ao institucionalismo liberal da política internacional tem-se dois conceitos poderosos para explicar as desigualdades entre os Estados nesse novo sistema internacional: à vulnerabilidade e a sensibilidade.

Nesse sentido, Nye (2009, p. 259) destaca que:

Os pactos regionais como o Nafta podem aumentar a interdependência e diminuir a assimetria em um relacionamento. Ao concordarem em interligar sua economia com a do México, os Estados Unidos assumiram alguns dos compromissos financeiros da economia mexicana juntamente com os benefícios de maior acesso. Quando o valor do peso mexicano despencou, a administração Clinton apressou-se no início de 1995 a escorar a moeda debilitada e montou um pacote de ajuda multibilionário. Num momento em que o Congresso americano se encontrava em um impasse em relação ao aumento dos gastos internos com serviços tais como área de saúde, a administração não viu muita

escolha a não ser resgatar o peso. Com maior interdependência, até mesmo países fortes podem se encontrar sensíveis a mudanças econômicas além de suas fronteiras.

Adicionalmente, Castro (2011, p. 361) considera que:

Para a interdependência complexa, a guerra deixa de ser o que, na perspectiva realista representa a lógica das Relações Internacionais centrada nos problemas de segurança, na ameaça hobbesiana e no constante dever de defender, dissuasoriamente, a integridade territorial dos Estados. Segundo Nye e Keohane, há a emergência de novos atores no plano internacional que questionam e redefinem a natureza estadocêntrica internacional. Observa-se a relação intrínseca entre Estados novos atores e o mercado global. Os conflitos são de natureza econômico-comercial e financeira e têm na prática da arbitragem, da negociação internacional e na mediação transnacional uma de suas principais características.

Assim sendo, os impactos sofridos pela economia mexicana, no âmbito do NAFTA, tem ligação com a assimetria, considerada um conceito muito importante para Nye (2009), no atual sistema internacional.

Ao passo que os EUA exercem forte influência na economia mexicana, eles se tornam sensíveis às reações dessa economia. O México, por sua vez, se torna vulnerável aos interesses econômicos estadunidenses. Com uma forte superioridade americana em ciência e tecnologia, além da força do dólar sobre o peso mexicano, os produtos americanos “invadem” o território dos mexicanos, prejudicando profundamente a economia nacional.

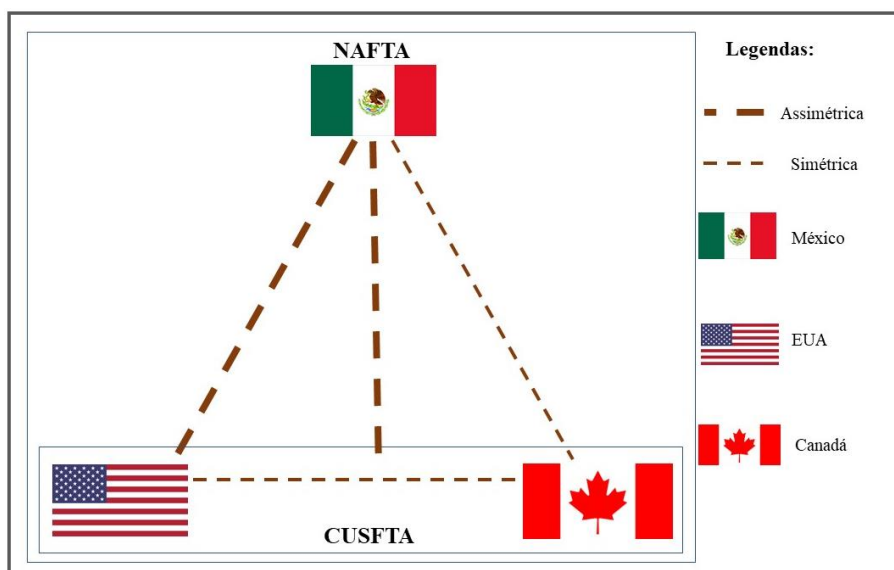
De acordo com Nye (2009), essa é uma nova prática das relações internacionais contemporâneas. A geopolítica foi perdendo espaço para a geoeconomia. A sensibilidade e a vulnerabilidade tornam a interdependência complexa mais cara ao sistema. Os países mais poderosos, dotados de maiores recursos e definidos em termos de poder, apesar de estarem em uma relação com outro país, mais vulnerável ou sensível, acabam por ter vantagens sob o outro, decorrente das assimetrias existentes entre eles.

Devido ao aumento do poder de destruição em massa, mesmo com o fim da Guerra Fria, e da importância das relações entre os Estados serem mais pacíficas, Nye (2009) acredita que as velhas práticas das políticas de poder ainda são refletidas nas relações internacionais e que a sensibilidade e vulnerabilidade entre os países impulsionam retóricas de conflito armado: como é o caso dos conflitos pelo petróleo no Oriente Médio.

O avanço do institucionalismo liberal e a tentativa de amenizar as assimetrias do sistema internacional com organizações e instituições internacionais podem ter como origem a velha prática realista de maximização dos interesses. Porém, o avanço do processo de institucionalização coloca os Estados frente a frente com a necessidade de ampliar seus interesses em prol do sistema internacional.

Diferentes atores interestatais conduzem muitas vezes complicações para a ortodoxia realista – como, por exemplo, as ONGs e as instituições internacionais como o FMI, que recomenda na maioria das vezes práticas econômicas contra os interesses nacionais dos países que as adotam – esperando com isso benefícios econômicos futuros. De fato, a estabilidade do sistema internacional está diretamente ligada aos acertos dos Estados diante do dilema da assimetria, da sensibilidade e da vulnerabilidade – de forma institucionalizada. Neste sentido, a Figura a seguir apresenta os tipos de relações de poder desenvolvidas no âmbito do CUSFTA ampliado.

**Figura: Tipos de relações de poder no âmbito do CUSFTA/NAFTA**



Fonte: Elaboração própria da bibliografia consultada.

No âmbito do NAFTA seus membros encontram-se interligados por meio de normas e regras que regulam as relações comerciais intra e extrabloco. Neste sentido a Figura acima descreve o tipo de relação de poder intra bloco na qual se percebe a existência de uma “simetria” nas relações desenvolvidas no âmbito do CUSFTA. No âmbito do NAFTA observa-se a existência de uma assimetria nas relações CUSFTA-México. Em relação as relações bilaterais desenvolvidas no âmbito do NAFTA, é possível observar<sup>5</sup>: a existência de uma “simetria” nas relações México-Canadá e Canadá-EUA – se comparada as relações EUA-México – e a existência de uma assimetria

<sup>5</sup> Tendo em vista que as relações bilaterais sejam “simétricas” entre EUA-Canadá, ambos países desenvolvidos, as relações Canadá-México, mesmo ocorrendo entre um país desenvolvido e um país em desenvolvimento, também podem ser vistas assim. Porque, em termos gerais, a sensibilidade Canadá-México é menor do que a sensibilidade EUA-México. Ao passo que a vulnerabilidade México-Canadá é menor do que a vulnerabilidade México-EUA.



nas relações EUA-México. dois países, se comparada à relação desenvolvida entre os EUA e o México.

## **ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL: O PENSAMENTO CRÍTICO E A RELAÇÃO EUA-MÉXICO**

A evolução recente do sistema internacional, conforme mencionado por Castro (2016), tem como eixo principal o desenvolvimento das Relações Econômicas Internacionais, no âmbito da Economia Política Internacional. Neste sentido, ao considerar o pensamento de Robert Gilpin sobre o processo de assimetria da globalização política, Castro (2016, p. 365) argumenta que:

Em sua opinião, há uma lógica autônoma e própria do processo de globalização como meio de interação das Relações Internacionais. A integração econômica representa meio pelo qual o Estado, de forma pragmática, forma um bloco econômico em qualquer de seus níveis (acordo preferencial, zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum, união econômica total e união político-jurídica). É estruturada na força industrial, na competitividade empresarial e na crescente capacidade de formar núcleos integrados ao processo de globalização e regionalização, mesmo diante do alerta da tese do “capitalismo senil” que enfatiza a exaustão do processo de globalizante por conta de seu excessivo parasitismo e comportamento predatório centro-periferia de autoria do economista Jorge Beinstein.

Outro importante pensamento crítico sobre o processo de globalização e evolução do capitalismo, analisado por Castro (2016), é a teoria do sistema-mundo desenvolvida por Immanuel Wallerstein. Para o autor (2016), a teoria do sistema-mundo considera que o processo de “globalização” se iniciou nas grandes navegações portuguesas e com o capitalismo (re)definindo o papel do Estado. Assim, Castro (2016) destaca que o capitalismo financista no movimento histórico da economia-mundo, concentra seu poder em sua capacidade de orientar o poder do Estado com a lógica da produção e do lucro em proporções geográficas. O capitalismo financeiro provoca a “desterritorialização” do Estado em prol da maximização dos lucros, rompendo as fronteiras nacionais e a lógica estatocêntrica do sistema internacional.

Como afirma Wallerstein e Beaud *apud* Castro (2016, p. 369):

Os estágios do capitalismo que estão, atualmente, redefinindo o sistema estatocêntrico westphaliano por meio da formação de blocos geoeconômicos -expressão maiúscula do ideal burguês-liberal maximizador do lucro - podem ser compartimentalizados pela trajetória histórica da seguinte maneira: 1. O (proto)capitalismo comercial e de acumulação ainda incipiente baseado no extrativismo primário e no mercantilismo bimetalista por meio de um modelo político colonial entre os séculos XVI até finais do século XVIII, quando se inicia a revolução industrial inglesa em sua primeira fase; 2. O capitalismo industrial estruturado na maquinofatura por meio de um modelo político imperialista ao longo do século XIX e início do século XX, outorgado pela Conferência de Berlim de 1885-86 (“A Partilha da África”), valorizando os combustíveis fósseis e

criando nova divisão internacional do trabalho (DIT); 3. O capitalismo financeiro da segunda metade do século XX, estruturado na tecnologia da informação, na desterritorialização e na transnacionalidade competitiva, onde a volatilidade e a transnacionalidade competitiva, onde a volatilidade e a baixa controlabilidade são marcas centrais da globalização curto-prazista em tempo real [...].

Portanto, pode-se dizer que a abordagem crítica prevê a relação desigual entre o México e os EUA. A atual fase do capitalismo, resultante do processo financista estabelecido na doutrina neoliberal de Bretton Woods, conduz os interesses do capital especulativo e de seus lucros maximizados diante da discrepância das duas economias.

Sob esta ótica, é possível afirmar que o estabelecimento do NAFTA provocou o esfacelamento das fronteiras econômicas entre os EUA e o México depõem contra a economia mexicana por meio da competitividade entre os produtos estadunidenses e mexicanos sem “controlabilidade” e volatilidade. Mesmo não tendo sua forma seminal de capitalismo comercial dos séculos XVI, XVII e XVIII, as trocas comerciais entre os dois países ainda é conduzida pela lógica do capital-mundial padronizados pelo dólar, com seu poder econômico global. Neste caso, a lógica operante é a da globalização assimétrica desenvolvida por Gilberto Dupas apresentado por Castro (2016). Além disso, o autor (2016) destaca que alguns atores internacionais se destacam por um processo de globalização mais simétrico a partir do desenvolvimento de mercados, de zonas de industrialização econômica e de poder de transnacionalidade ligados aos seus interesses nacionais.

## **RELAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS NO ÂMBITO DO NAFTA NA DÉCADA DE 1990**

Em meados da década de 1990 o NAFTA entrou em vigor, esperava-se que as medidas tomadas pelo governo de Gortari até o ano de 1994 fizessem com que as políticas comerciais mudassem e se adequassem as exigências do Acordo, a fim de melhorar o comércio intra e extrabloco.

Internamente o México no momento após o Acordo lidava com problemas reais que deveriam ser solucionados a fim de suprimir o desemprego. Os agricultores já não conseguiam competir com o milho e derivados que chegavam ao país a um baixo custo pela *Farm Bill*. Os subsídios aos pequenos agricultores foram praticamente extintos e aos grandes agricultores esses subsídios sofreram uma leve diminuição.

O NAFTA possibilitou um crescimento econômico para os EUA, uma vez que essa teve a possibilidade de sair a frente no comércio mundial, podendo competir com a UE e a China.

As maquiladoras permitiam que os EUA empregassem, na zona fronteiriça, mão de obra mexicana, sem proteção à saúde e direitos trabalhistas de acordo a Aliança Social Continental. Sem contar com a utilização em excesso de agrotóxicos pelos mexicanos que foi deteriorando seu meio ambiente para tornar as produções locais mais competitivas.

A abertura do México ao CUSFTA teve uma resposta rápida. A análise do Quadro, a seguir, apresenta as exportações, importações no período de 1993 e 2000:

**Quadro: Exportações e importações dos EUA de 1993 e 2000.**

<b>EUA EXPORTAÇÕES</b>	<b>1993</b>	<b>2000</b>	<b>EUA IMPORTAÇÕES</b>	<b>1993</b>
Para Canadá - mercadorias	100,444	178,941	De Canadá - mercadorias	111,216
Para Canadá - serviços	17,016	24,613	De Canadá - serviços	9,106
Para Canadá - total	117,46	203,554	De Canadá - total	120,323
Para México - mercadorias	41,581	111,349	De México - mercadorias	135,96
Para México - serviços	10,394	15,532	De México - serviços	10,78
Para México - total	51,975	126,881	De México - total	47,345
Para ambos - mercadorias	142,025	290,29	De ambos - mercadorias	151,134
Para ambos - serviços	27,41	40,145	De ambos - serviços	16,534
Total	169,435	330,435	Total	167,668

Fonte: U.S Chamber of commerce (2017, p. 5).

O Quadro, acima, explicita que de 1993 a 2000 os EUA importaram mais que o triplo de mercadorias do México e quase dobrou o número de serviços adquiridos pelo mesmo. Deste modo, observa-se que houve um vertiginoso crescimento na exportação de mercadorias dos EUA para o México, implementando a cultura estadunidense na mexicana. Além disso, o Quadro demonstra que as relações comerciais no âmbito do CUSFTA já eram intensas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No período em que o CUSFTA esteve em vigor, às relações econômicas entre seus membros eram consideradas simétricas. No entanto, com a adesão do México ao Acordo e com o aumento da interdependência no âmbito do NAFTA, a sensibilidade e a vulnerabilidade nas relações entre os países envolvidos foram expostas, conforme analisado por Nye (2009). O México tem características econômicas mais parecidas com os demais países da América Latina e, em função disso, as diferenças socioeconômicas do país se tornaram um dos maiores entraves no âmbito do NAFTA.

Portanto, as consequências econômicas serviram de exemplo para que os países sul-americanos, principalmente ao Brasil para não ter aceitado a nova possibilidade de área de livre comércio hemisférico, chamada *Área de Livre Comércio das Américas* (ALCA). No entanto, muito do que ocorreu entre as relações trilaterais, levou a economia mexicana a sofrer uma grande pressão para adequar-se as exigências do Acordo. O resultado da entrada dos produtos estadunidenses – sem taxas e com preços menores – no mercado mexicano provocaram reduções de empregos no país, pois a indústria local não conseguia competir com as indústrias estrangeiras. De fato, isso poderia acontecer com qualquer país latino americano, em função de grandes semelhanças com a economia mexicana.

A análise das relações levou ao cerco que para os países desenvolvidos é de uma grande facilidade manter-se sempre de acordo entre si. Contudo, a relação deles com os países em desenvolvimento se fazem assimétricas, o que leva a uma imposição de um modelo a ser seguido. No âmbito do NAFTA, utilizaram da mão de obra barata do México, recursos naturais, e aproveitaram o mercado para escoar seus produtos.

De um lado os EUA tentam adotar novas medidas que buscam sanar a sensibilidade perante as relações do NAFTA, e em contraposição o México historicamente vê-se em uma relação de extrema vulnerabilidade em função dos países membros do Acordo, mas com destaque para os EUA. Apesar do entrelaçamento e alinhamento das relações, ficará a propósito dos três decidir se o NAFTA deverá se renovar, e aceitarem de fato a interdependência, porém, com a finalidade de regredir as sensibilidades e vulnerabilidades, ou em fim partirem para outros acordos de livre comércio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADEO, Kimberly. **History of NAFTA and Its Purpose**. Disponível em: <https://www.thebalance.com/history-of-nafta-3306272>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

KRUGMAN, Paul R. **Economia internacional**. São Paulo: Pearson Brasil, 2015.

MORGENTHAU, Hans J. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

NIEMEYER, Luiz M. de; COSTA, Mayla Pereira. **O Nafta e as Assimetrias: o caso do México**. Disponível em: [https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/economiapolitica/texto\\_para\\_discussao\\_nafta\\_e\\_as\\_assimetrias\\_mexico\\_2012.pdf](https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/economiapolitica/texto_para_discussao_nafta_e_as_assimetrias_mexico_2012.pdf). Acesso em 20 de outubro de 2018.

NYE, Joseph S. **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SAN PEDRO, Ricardo Peltier. **La economía mexicana (1990-2040)**. Disponível em: <http://www.estepais.com/articulo.php?id=501&t=la-economia->. Acesso em 20 de outubro de 2018.

SILVA JÚNIOR, Ary Ramos da. **O neoliberalismo no México: o governo Carlos Salinas de Gortari**. Disponível em: [http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v7\\_artigo04\\_neoliberalismo.pdf](http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v7_artigo04_neoliberalismo.pdf). Acesso em 20 de outubro de 2018.

U.S CHAMBER OF COMMERCE. **The facts on NAFTA: Assessing two decades of gains in trade, growth, and Jobs**. Disponível em: [https://www.uschamber.com/sites/default/files/the\\_facts\\_on\\_nafta\\_-\\_2017.pdf](https://www.uschamber.com/sites/default/files/the_facts_on_nafta_-_2017.pdf). Acesso em 20 de outubro de 2018.

INFLATION. **Inflação no México**. Disponível em: <https://pt.inflation.eu/taxas-de-inflacao/mexico/inflacao-historica/ipc-inflacao-mexico-1993.aspx>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

INDEX MUNDI. **Índice de GINI México**. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/es/datos/indicadores/SI.POV.GINI>. Acesso em 20 de novembro de 2018.